CONTRIBUIÇÕES DA NEUROPSICOPEDAGOGIA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

ANA CAROLINA ROGERI FIGUEIRA

RESUMO

Este trabalho foi elaborado com base em pesquisas sobre a educação inclusiva, deficiência múltipla, prática pedagógica e neuropsicopedagogia, bem como para docentes e discentes com necessidades educativas especiais, incluídas em escolas regulares em todo país, foi dada às contribuições com debate sobre inclusão na educação, no estudo da neuropsicopedagogia e da sociedade. Para isso, a pesquisa contou com a análise da deficiência múltipla e a inclusão escolar, o decorrer histórico da inclusão no Brasil e as possíveis contribuições da neuropsicopedagogia para alunos com deficiência múltipla. Conclui se a relevância do tema para as instituições de ensino e toda comunidade escolar.

Palavras-chave: Neuropsicopedagogia, inclusão, deficiência múltipla.

ABSTRACT

This work was based on research on inclusive education, multiple disability, pedagogical and neuropsychology, as well as for teachers and students with special educational needs, included in regular schools throughout the country, was given to contributions with debate about inclusion in education , In the study of neuropsychology and society. For this, the research counted on the analysis of the multiple deficiency and the school inclusion, the historical course of the inclusion in Brazil and the possible contributions of neuropsychology for students with multiple disabilities. It concludes the relevance of the theme for educational institutions and the entire school community.

Key words: Neuropsychopedagogy, inclusion, multiple disability.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar, reconhecer e investigar o aluno com deficiência múltipla e ressaltar as possíveis contribuições dos estudos relacionados a neuropsicopedagogia e as práticas pedagógicas para o sucesso da inclusão na escola regular.

O termo deficiência múltiplo tem sido utilizado, com frequência, para caracterizar o conjunto de duas ou mais deficiências associadas, de ordem física, sensorial, mental, emocional ou de comportamento social. No entanto, não é o somatório dessas alterações que caracterizam a múltipla deficiência, mas sim o nível de desenvolvimento, as possibilidades funcionais, de comunicação, interação social e de aprendizagem que determinam as necessidades educacionais dessas pessoas.

O desempenho e as competências dessas crianças são heterogêneos e variáveis. Alunos, com níveis funcionais básicos e possibilidades de adaptação ao meio podem e devem ser educados em classe comum, mediante a necessária adaptação e suplementação curricular. Outros, entretanto, com mais dificuldades, poderão necessitar de processos especiais de ensino, apoios intensos, contínuos e currículo alternativo que correspondam às suas necessidades na classe comum. O enfoque da proposta inclusiva é sociológico e relacional.

A educação de alunos com múltipla deficiência no ensino regular, no Brasil, é um grande desafio. Até recentemente, as crianças com múltipla deficiência eram educadas separadamente em escolas especiais ou instituições destinadas ao atendimento de alunos com deficiência mental.

Com o intuito de promover a aprendizagem, o neuro psicopedagogo trabalha inicialmente com a observação, procurando observar quais são as potencialidades a serem estimuladas em determinada pessoa, qual o melhor método de aprendizagem para tal indivíduo, que estratégias usar que tornem a aprendizagem daquele indivíduo realmente eficaz.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) e as Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica (BRASIL, 2001) condenam a exclusão social com base nos padrões de normalidade. Elas entendem a educação como principal alicerce da vida social, capaz de construir saberes, transmitir e ampliar a cultura, consolidara liberdade humana e a cidadania.

Esse é o grande desafio que se impõe aos Municípios brasileiros, aos gestores, aos serviços de educação especial, aos educadores na classe comum, a toda comunidade escolar, às universidades, às famílias e organizações não-governamentais, para que juntos possam elaborar um projeto pedagógico que realmente atenda às necessidades educacionais especiais desses alunos, construindo, assim, uma escola e uma comunidade mais inclusivas. É natural que a escola, educadores e pais se sintam receosos e apreensivos com relação à possibilidade de sucesso a inclusão.

O professor, geralmente, sente-se ansioso e temeroso diante de nova situação para a qual não se encontra preparado. Inicialmente, alguns professores pensam ser necessário se especializarem para poderem melhor atender o aluno com necessidades

educativas especiais.

Com a convivência, a experiência e ajuda de profissionais especializados e da família, o professor verifica que o processo de inclusão não é tão difícil como parecia. Boa parte dos alunos com múltipla deficiência adapta-se muito bem às creches. Essas crianças se sentem felizes por poderem participar da vida, conviver e brincar com outras crianças. Isso é perfeitamente possível, desde que o professor seja orientado e ajudado na tarefa pedagógica. As situações devem ser cuidadosamente planejadas e as atividades ajustadas e adaptadas para que atendam às necessidades específicas desses alunos.

Na escola se faz necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento de ações e programas voltados à inclusão e bem estar de todos os discentes envolvidos. Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas. Com base nessas informações, pode-se perceber que são necessárias mudanças profundas no sistema educacional vigente a fim de garantir o cumprimento dos objetivos da inclusão.

O ALUNO COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

Trabalhar com as diferenças, alunos com diferentes níveis de desenvolvimento, aprendizagem e, diferentes maneiras de interagir e comunicarem-se, crianças com possibilidades, interesses e necessidades diversificadas, torna-se para o professor uma tarefa desafiadora.

Por um lado, é uma situação que pode apresentar muitas dificuldades iniciais, angústias, conflitos, desequilíbrios; por outro lado, pode ser uma situação de aprendizagem e crescimento, tanto para os alunos quanto para o professor. Essa pode ser, portanto, uma experiência criadora no sentido da construção do conhecimento por formas e caminhos diversificados, pois motiva e impulsionam buscas, trocas positivas de interação, de ajuda e cooperação.

Há crianças com limitações e dificuldades reais, como os alunos com múltiplas deficiências, que não podem ser negadas e necessitam, portanto de eficiente mediação no processo de interação e comunicação, de adaptação e modificação no currículo e no ambiente como forma de compensar as dificuldades e minimizar as defasagens.

A Educação Especial anteriormente adotava classes especiais para atender os alunos com deficiência em geral, onde havia a ideia de um olhar mais específico. Porém, acabou por contribuir para a segregação dessas crianças. Dessa forma, a inclusão escolar ganhou força, refletindo os esforços das sociedades atuais pela sua integração em salas regulares de ensino, de forma a aceitar e respeitar suas diferenças.

A partir do final dos anos 80 o termo integração começou a perder força, sendo substituído pela ideia de inclusão, uma vez que o objetivo é incluir, sem distinção, todas as crianças, independentemente de suas características e limitações. A inclusão exige a transformação da escola, pois defende a inserção no ensino regular de alunos com quaisquer deficiências e necessidades, cabendo às escolas se adaptarem às necessidades deles, ou seja, a inclusão acaba por exigir uma ruptura com o modelo tradicional de ensino.

Para Vygotsky (1993) na área da Defectologia conduziram o autor a propor que o desenvolvimento de uma criança deficiente representa, sempre, um processo criativo e que essa criança apresenta meios particulares de processar o mundo. O autor incorpora a noção de compensação, entretanto, no contato do indivíduo deficiente com o mundo externo surgem conflitos, e a resolução desses conflitos pode propiciar a emergência de soluções alternativas, que se constituem em formas qualitativamente diferentes das funções psicológicas superiores. Desta maneira, Vygotsky assume uma posição que privilegia a importância dada à aprendizagem escolar como promotora do desenvolvimento e que reconhece o papel desempenhado pelo professor como mediador no processo de aquisição de conhecimento, na formação de conceitos científicos e no desenvolvimento cognitivo de seus alunos. Ao compreender o desenvolvimento como um processo qualitativamente diferente para cada indivíduo, no qual os obstáculos podem ser contornados por meio de processos compensatórios, sendo a mediação fundamental para a obtenção de bons resultados, as proposições de Vygotsky sobre o desenvolvimento anormal oferecem uma visão da deficiência como uma anormalidade social e as diferenças no desenvolvimento passam a ser vistas como variações qualitativas. (SILVEIRA e NEVES, 2006).

Compreender as regiões cerebrais, campo de estudo da Neuropsicopedagogia, saber quais áreas são responsáveis por determinadas funções, faz ter vistas para abordagens de intervenções possíveis a serem realizadas.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A criança com qualquer deficiência tem necessidade e possibilidade de conviver, interagir, trocar, aprender, brincar e ser felizes, embora, algumas vezes, por caminhos ou formas diferentes. Essa forma diferente de ser e agir são o que a torna ser único, singular.

As constatações sobre a importância do respeito às diferenças e da garantia legal dos direitos das pessoas com deficiência são comuns nos atuais debates acerca da inclusão escolar.

Uma das principais demandas dos professores em geral, direcionadas aos profissionais da Educação Especial são as classes heterogêneas e a inclusão de alunos com múltiplas deficiências, a participação e colaboração de um profissional da Neuropsicopedagogia com um trabalho com base em uma relação igualitária e não hierárquica, professores e pais, de forma a reunir os esforços, podem tomar decisões e implementar intervenções que melhor atendam os interesses educacionais dos alunos.

É consenso que a pessoa com necessidades educacionais especiais se beneficia das interações sociais e da cultura na qual está inserida, sendo que essas interações, se desenvolvidas de maneira adequada, serão propulsoras de mediações e conflitos necessários ao desenvolvimento pleno do indivíduo e à construção dos processos mentais superiores (Vygotsky, 1987).

As Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica (Brasil, 2001), recomendam a inclusão de crianças com deficiência, inclusive as com deficiência múltipla desde cedo em programas de creche e pré-escola que tenham por objetivo o desenvolvimento integral, o acesso à informação e ao conhecimento historicamente acumulado, dividindo essa tarefa com os pais e serviços da comunidade.

Conhecer as características do ambiente familiar onde o aluno se desenvolve, as formas de interação e expressão utilizadas pelo aluno, pelos colegas e seus cuidadores, conhecer também os interesses, necessidades e experiências vividas constituem-se em valiosos pontos de partida para adaptar as atividades às demandas das crianças com deficiência múltipla.

O mesmo Referencial curricular nacional para a educação infantil (BRASIL, 1998) recomendado para as outras crianças são essenciais para estas com alterações significativas no processo de desenvolvimento e aprendizagem, pois valoriza: "o brincar como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil, e a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma." (p.13).

Além disso, a inclusão requer modificações nas atitudes e estruturas dos centros de educação infantil: flexibilidade, tolerância, compreensão do comportamento e das necessidades emocionais, provisão de currículo adaptado às necessidades específicas; mobiliário adaptado para execução de atividades, adaptação de jogos pedagógicos, materiais específicos e recursos tecnológicos que favoreçam a interação, a comunicação e aprendizagem. Esses procedimentos e instrumentos são essenciais, pois determinam a qualidade da oferta educativa para o sucesso na aprendizagem e a inclusão desses alunos no sistema regular de ensino.

Piaget afirma que a inteligência se constrói mediante a troca entre o organismo e o meio, mecanismo pelo qual se dá a formação das estruturas cognitivas "o organismo com sua bagagem hereditária, em contato com o meio, perturba-se, desiquilibra-se e, para superar esse desequilíbrio e se adaptar, constrói novos esquemas".

No projeto educativo para inclusão de crianças com dificuldades acentuadas, a relação interação-comunicação, construída de forma positiva, é essencial. Entretanto, as necessidades vão além das atitudes positivas e práticas sociais não discriminatórias. Dependem essencialmente das oportunidades de experiências, de aprendizagem, e principalmente da modificação do meio e das estratégias para que possam ter êxito na escola e comunidade.

A convivência, o trabalho pedagógico e as atividades desenvolvidas em conjunto com os outros alunos da mesma idade sem deficiências poderão aumentar as possibilidades cognitivas e a elaboração de estratégias de ação e planejamento das crianças com severo comprometimento.

É necessário, além da participação da vida cultural, que esses alunos convivam com expectativas positivas, "com formas adequadas de comunicação e interação, com ajudas e trocas sociais diferenciadas, com situações de aprendizagem desafiadoras: solicitados a formular escolhas, pensar, resolver problemas, expressar sentimentos, desejos e tomar iniciativas." (Bruno, 2001a, p.56).

As crianças com deficiências múltiplas podem necessitar de mais tempo para adquirir mecanismos de adaptação às novas situações, mas com uma boa mediação de professores e pais poderão criar estratégias de ação e pensamento; assim, poderão autorregular com ajuda seu comportamento e desenvolver a autonomia pessoal, social e intelectual.

O avanço no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças com deficiência múltipla compreende uma ação coletiva, requer colaboração entre educação, saúde e assistência social: ação complementar dos profissionais nas diferentes áreas do conhecimento (neurologia, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e psicologia escolar) quando necessário, fornecendo informações e orientações específicas para o atendimento às peculiaridades decorrentes de cada deficiência. Essa ação conjunta significa adequar as atividades pedagógicas às necessidades particulares de cada crian-

ça, permitindo, assim, sua a participação em todas as atividades desenvolvidas no espaço escolar para uma efetiva promoção do processo de desenvolvimento e aprendizagem na classe comum.

A inclusão de alunos com deficiência múltipla não depende do grau de severidade da deficiência ou nível de seu desempenho intelectual, mas da possibilidade de interação, acolhida, socialização, adaptação do indivíduo ao grupo e, principalmente, da modificação da escola para atendê-lo.

As escolas que têm obtido êxito no processo de inclusão adotam como compromisso o respeito à diversidade e diferenças individuais, a adaptação do currículo e a modificação dos recursos metodológicos e do meio.

CONCLUSÃO

A efetivação de um projeto para educação inclusiva é uma tarefa coletiva que demanda vontade política dos gestores e serviços responsáveis, como também o envolvimento e a participação da família no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos seus filhos. Exige um trabalho de pesquisa-ação: estudo, debate, avaliação, planejamento, estratégias conjuntas do professor da classe regular e do especialista em educação especial que acompanha o processo de inclusão, contando com a participação de toda comunidade escolar.

Os desafios no processo de inclusão de alunos com deficiência múltipla assumem relevância no cenário educacional, pois os educadores enfrentam na experiência diária com esses educandos dificuldades em assumir intervenções pedagógicas relevantes a aprendizagem e socialização dos mesmos. Mitos e preconceitos com relação ao desenvolvimento e à aprendizagem das crianças com esse diagnóstico estão enraizados no fazer pedagógico. Muitos educadores ainda veem a deficiência como algo impeditivo e imposto ao indivíduo, partindo para essa constatação de uma perspectiva puramente biológica.

Trabalhar com crianças que apresentam dificuldades acentuadas no processo de desenvolvimento e aprendizagem é um grande desafio, com o qual podemos aprender e crescer como pessoas e profissionais, buscando compreender e ajudar o outro.

Dessa forma, o neuro psicopedagogo é o profissional que tem clareza política e pedagógica sobre as questões educacionais e a capacidade de interferir no estabelecimento de novas alternativas e encaminhamentos no processo educativo, procurando compreender e analisar o aspecto da aprendizagem como uma forma sistêmica, abrangendo a todos os educandos com dificuldades de aprendizagem e procurando auxiliá-los na reestruturação de sua forma de aprender.

Apropriar se de conhecimentos sobre o cérebro da criança ou do adolescente e seus processos cognitivos colabora na intervenção, quando necessária, no desenvolvimento linguístico, psicomotor, psíquico e cognitivo destes, estabelecendo, dessa maneira, alternativas no processo educativo para que se tornem possíveis a inclusão e o aprendizagem das crianças com deficiência múltipla.

O profissional da neuropsicopedagogia é capacitado para intervir e reabilitar as funções neuro funcionais alteradas, para que assim seja alcançado o sucesso no processo educacional. Com o conhecimento em relação às dimensões neurológicas, psicológicas e cognitivas do sujeito, bem como os aspectos afetivos e culturais em que está inserido, esse especialista pode ser capaz de desenvolver um trabalho de acompanhamento eficaz, contribuindo assim um processo de aprendizagem eficiente.

BIBLIOGRAFIA

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Brasília, 2006 “Educação Infantil - Dificuldades acentuadas de aprendizagem - Deficiência múltipla - Saberes e práticas da inclusão”.

- SILVEIRA, Flávia Furtado. NEVES, Marisa Maria Brito da Justa. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, Jan-Abr. 2006. “Inclusão escolar de crianças com deficiência múltipla: concepções de pais e professores”.

- SILVA, Aline Maira da. MENDES, Enicéia Gonçalves. Psicologia E inclusão Escolar: novas Possibilidades de intervir Preventivamente sobre Problemas comportamentais. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.19, n.1, p. 53-70, Jan.-Mar., 2012.

- ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Avaliação assistida para crianças com necessidades educacionais especiais: um recurso auxiliar na inclusão escolar. Rev. bras. educ. espec. v.11 n.3 Marília set./dez. 2005.